

Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

DIRECTOR e PROPRIETARIO

Amadeu Peixoto Pinto Leite

SECRETARIO da REDACÇÃO

Manoel Maria Correia Vermelho

ASSIGNATURA

Em Ovar (anno) 15000 reis
Com estampilha (anno) 15200 »
Brazil e Colonias 15500 »

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna. Anuncios e comunicados, 20 reis; repetições 10 reis. Anuncios permanentes, contracto especial. Redacção e Administracção—Largo de S. Miguel—OVAR

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao

"Regenerador Liberal, — OVAR

COMPOSTO E IMPRESSO NA Typ. Fonseca & Filho

Rua da Picaria, 74 — PORTO

A MISERICORDIA

Toda a gente conhece a ideia que anima o espirito do nosso jornal no que diz respeito á fundação d'uma Misericordia em Ovar.

Mal essa nobre e santa ideia começou a fervilhar na cabeça dos nossos patricios, nós a secundámos com toda a força da nossa convicção e com todo o apoio da nossa consciencia.

Effectivamente a fundação d'uma Misericordia n'uma villa pobre e populosa como a nossa, marca um passo agigantado no caminho da civilisação vareira e representa um rasgo de altruismo da parte d'aquelles que não andam affeitos ao recanto com a adversidade que só costuma entrar o Jumiari da porta dos infelizes.

Acolhemos, então, com alvoroço a sympathica fundação da Misericordia e com equal alvoroço fazemos hoje votos por que a paixão de uns, a vaidade de outros e a competencia de pouquissimos, não venham abrir rombo de naufragio na embarcação que bem podia presentemente navegar em mar de rosas.

O Regenerador Liberal não foi ouvido, não foi tratado com a deferencia que se deve a um simples jornalzinho de provincia, quando se trata d'uma obra desta natureza e deante da qual todas as politicas devem rasgar a bandeira do seu credo e todas as paixões amordacar o odio provocado pelas suas ambições pessoais.

Deante d'uma obra de magnitude tal como a fundação d'uma Misericordia, no meio das treguas da politica, deviam ter-se aproveitado os elementos de todas as côres, animado as boas vontades de todos os individuos, confundindo assim na mesma obra a dedicacção, o valor e a intelligencia de todos aquelles que amam a sua terra natal e a desejam ver próspera e enobrecida.

Perante a Misericordia d'Ovar foi sempre benevolente a attitude do Regenerador Liberal como o será de futuro deante de todas as innovações que levantem um marco milliarior que venha romper a crôsta dura da rotina que arrasta a nossa vida vareira.

Ninguém como nós vê, com tão bons olhos, a fundação d'um estabelecimento de caridade e humanidade como o vai ser a Misericordia.

E se pouco ou nada temos escripto sobre o assumpto, se não temos até hoje ajudado a crear, á custa do nosso esforço pessoal e pela leitura do nosso jornal entre o povo vareiro, uma corrente de sympathy mais forte a favor da Misericordia é porque nos foi dispensada a nossa collaboraçao humilde n'essa obra de interesse moral e social, por todos aquelles que costumam afferir as questões de interesse local pela rasoira roliça do odio partidario ou religioso.

É preciso varrer, de sobre o nome deste jornal, a diffamação indecorosa e disfarçada d'um papel qualquer que tenta insinuar no espirito do publico que não tomamos interesse algum pela Misericordia e que tentamos fazer gorar os alicerces, com os nossos reparos.

Não! Os nossos reparos, a nossa maneira de ver as cousas conformam-se com a justiça e com o bom senso.

E o nosso silencio agora seria

condemnavel e amanhã podia ser um crime até, um crime de *lesa territorial*. Depois do que se passou na vespera de Santo Antonio, não será comprometter a fundação da Misericordia, fazer ligeiros reparos (prevenindo assim ilegalidades e senão quizerem illegalidades, desconchavos) á attitude daquelles que puzeram acima do interesse geral a imposição funambulesca do seu criterio pessoal e mendigaram n'uma *claque* adeptos inconscientes, para lhes ajudar a vingar os planos da sua opinião ou vaidade. Mas racionemos um pouco, encaremos os factos a sangue frio, com toda a imparcialidade de quem quer vêr as cousas pelo prisma da verdade despida de preconceitos e com todo o desassombro de quem antepõe o bem da sua terra aos odios ou malquerenças dos seus conterraneos.

Os irmãos da futura Misericordia d'Ovar foram recrutados em todas as classes. São pobres e ricos, novos e velhos, letrados e analfabetos. São elementos heterogeneos, formando uma associaçao que lhes impõe deveres e faculta direitos.

Estes irmãos ou associados, depositaram, desde o dia em que foi juridicamente eleita a Commissão dos trabalhos, toda a sua responsabilidade e poderes, nos membros da respectiva Commissão.

Declinando assim nas mãos da Commissão toda a confiança, nada mais tinham a vêr os irmãos com o andamento dos trabalhos a cargo da Commissão em quem elles haviam delegado plenos poderes.

Emquanto a Commissão não fosse retirado o voto de confiança em assemblea geral, a Commissão competia resolver todas as questões.

Convocar os irmãos para resolver discordias entre os membros da Commissão é passar-se á Commissão um diploma pouco honroso.

Um contrasenso, pois, convocar em assemblea geral os irmãos para resolverem, á capucha e sem conhecimento de causa, uma questão que só á Commissão, ajudada por peritos idoneos, competia.

A Commissão tinha a escolher o local para se lançar os alicerces da Misericordia?

Muito bem. Fazem parte da Commissão bastantes medicos e cirurgiões. Não devemos nem podemos negar competencia juridica a esses medicos e cirurgiões.

Devemos concordar, porem, que nem todos os medicos são *Souzas Martins* e que nem todos os *Sousas Martins* da nossa villa, por competentes e illustrados que sejam, sabem lançar os alicerces d'uma casa de saúde e tactear com mão segura os terrenos que a hygiene demanda para accentar um hospital em condições.

Não basta ser medico para conhecer as condições hygienicas que topographicamente são indispensaveis para a construcção d'uma casa de saúde.

É necessario a competencia e a experiencia. Uma só cadeira de hygiene durante um curso de cinco annos, mastigada nos bancos da Escola ou da Universidade, não dá assim fóros de sciencia infallivel mesmo nos casos positivos da salubridade d'um local.

É hygiene consciente ou economia d'um conto e duzentos que vai sepultar a Misericordia num terreno humido e relativamente pouco elevado?

É o amor á hygiene ou o quod dixi dixi do auctoritarismo que pre-

tende empurrar a Misericordia lá para as bandas de Cabanões?

Não sabemos.

Não ficava mais airoso á digna Commissão encarregada de levar a cabo a fundação da Misericordia, estudar o assumpto, não á sombra da opinião pessoal, quasi sempre apaixonadissima e que a opinião opposta vai tornando cada vez mais renitente, mas estudal-o á luz do desinteresse, em harmonia com o bem da obra, com technicos competentes ao lado a impôr respeito aos alvites e escolha feitos pela Commissão?

Ficava mal a esse nucleo de homens vareiros chamar de fóra do concelho ou do districto um tecnico, competente e pratico nestas cousas de salubridade de terrenos, um engenheiro hydraulico para estudar a natureza climaterica e topographica do local destinado a uma casa de saúde?

Quando para mais não servisse a opinião auctorizada d'um competente, alheio aos interesses do concelho ou aferrado á opinião d'um amigo, quando mais não servisse, serviria apenas para cortar pela raiz a discordia que lavra entre os membros da Commissão relativamente á parte mais importante d'um hospital.

Não se olhava, então, a terrenos offercidos, dados ou comprados; não se olhava a locais indigados; não se attendia, então, a pedidos de terceiros nem a opiniões de quartos. O tecnico, o engenheiro hydraulico, acompanhados da junta dos medicos e da Commissão, perdiam um dia; iam vêr os terrenos e locais mais aptos para a Misericordia escolhendo entre os mais proprios para edificio de tal natureza aquelle que fosse mais hygienico, mais guardado do vento norte, mais arejado, mais elevado. Viam tudo isto com seus proprios olhos.

Mas viam tudo isto com os seus proprios olhos; não era vir para a assemblea geral do dia 12 encher a bocca com hygiene, com philosophias de salubridades, com tretas gesticuladas, sobre um logar, talvez sem lá ter ido, sem se informar das mudanças climatericas que um logar soffre nas varias estações do anno.

Depois os irmãos que delegaram na Commissão toda a sua auctoridade e poderes, devem por cima apaziguar a opposição das opiniões entre os membros que os representam!

Se o local fosse escolhido com tino, por peritos extranhos, com um engenheiro hydraulico á frente, de accordo com os membros da Commissão, deante da sciencia, calava-se a philosophia.

Escolheram aquelle logar? Elles sabem. É porque é bom, é o mais proprio, o melhor!

Nada teria ninguem a dizer.

Não haveria os attritos e scenas burlescas, em plena assemblea, do *dize tu que direi eu*. Aquelle cavalheiro que facultava gratis o terreno para o edificio da Misericordia, deante d'uma escolha bem acertada, teria a hombridade, pelo menos estamos disso convencido, para ceder o terreno á Misericordia incondicionalmente, sem clausulas, nem reparos.

Isto já vai longo. Para a semana voltaremos ao assumpto.

É oxalá, para bem da villa d'Ovar, que as cousas da Misericordia possam dobrar facilmente o cabo das tormentas.

Nosso Senhor tenha misericordia de nós, já que os vareiros não teem misericordia da sua terra natal.

A Situação politica

(Chronica reduzida á expressão mais simples com auxilio variado dos signaes da pontuação.)

Abre-se o Parlamento e o paiz põe-se a olhar, boqueaberto, para o descôco das opposições. O extracto das sessões das duas Camaras fica reduzido a isto

O nariz do sr. Beirão começa a impalidecer e a traduzir, deante do povo abysmado, um futuro fertil em cousas novas. Pômo-nos a olhar para a attitude grotesca d'um homem tímido e apprehensivo e não lhe vemos senão isto, que se parece muito com a curvatura do seu nariz

Vamos assistir á defeza do sr. José Luciano, por intermedio do seu representante Burnay, junto do Credito Predial, e ouvimos os accionistas dizerem baixinho para a cataplasma das *chamadas*, ora

Ficamos a descortinar, durante dois minutos, duas ideias sobre o futuro do paiz perante as impertinencias e ousadias dos republicanos, e quando iamos a formular o nosso pensamento, trancam-se deante do nosso espirito estes tres pontinhos

E para esta chronica ficar muito concreta e ligeirinha, devemos espetar-lhe agora com um

Leiam, Leiam!!!

O nosso jornal publicará d'hoje para o futuro todo e qualquer annuncio judicial a 20 reis cada linha da 1.ª vez e a 10 reis da 2.ª

Quer dizer o que os outros jornaes d'Ovar publicam a 50 reis e a 25 nós fazemol-o por 20 reis e 10 reis.

É justo que assim procedamos. O que até agora todos levavam era uma demazia.

E ás vezes quem ficava lesado não eram só os milionarios ou os simplesmente abastados. Não! Eram tambem os pobres orphãos que viam a sua parca legitima cercada com despesas de toda a casta, acrescentadas com a da publicação caros dos editos. Eram as viuvas desamparadas que esportulavam dinheiro que era lagrimas de sangue e pão de seus filhinhos. O «Regenerador Liberal», que vem estabelecendo normas mais justas de proceder para a imprensa da terra, não podia deixar de crear agora mais esta em proveito dos infelizes, principalmente.

Nós não andamos aqui para nos locupletarmos á custa de ninguem. Todos veem que até hoje temos dado provas do maximo desinteresse, não nos poupando a despesas e sacrificios para pôr a circular um jornal como o nosso, grande, bem impresso e por vezes illustrado com excellentes gravuras. E esta nossa isenção do vil lucro, mais uma vez a patenteamos hoje.

Saibam todos, pois, que no nosso jornal se publicam os annuncios judiciaes por menos da metade do que levam os outros jornaes.

Com vista a todo o povo d'Ovar e ao Ex.º Sr. Dr. Delegado, procurador dos orphãos.

OS NOSSOS ANUNCIOS

É sempre um grande canudo
A faltinha de dinheiro
Só costuma comprar tudo
Quem tiver d'esse brejeiro.

Nos Armazens da Capella
Dos antigos Carmelitas,
Compra as saias a donzella,
Compra a velha lã e chitas.

Quem andar tuberculoso
Compre um frasco d'Histogeno.
Dissolvido é appetitoso,
Como um bom côpo do Rheno.

Rapaz novo, faz-te fino!
S'inda não tens companheiro,
Vae ao Porto á Casa Lino
Traz de lá um agulheiro.

Taberna é logar sabujo!
Em casa bom garrafão.
Tem-n'os bons o Araujo
Na rua de S. João.

Se tendes bella caretta
Ide até Espinho um dia.
Olhae bem pr'a tabolêta:
Carvalho—Photographia.

Se quereis dar um jantar
(Baptisado ou casamento)
Os crystaes deveis comprar
Ao Barbosa de S. Bento.

E os jantares, até os leves
Pedem sempre um bom café.
Ide ao Bernardo das Neves
Tem-n'o bom, de S. Thomé.

Se tendes telhado rôto,
A casa convalescente,
Comprae telha do Peixoto,
Azulejos do Valente.

Se soffreis d'indigestão
Tomae aguas do Barreiro.
Põe-vos nova dentição
O sôr Alberto Milheiro.

E se qu'reis boa leitura,
Variada, sem rival,
Basta ter assignatura
Cá do velho «Liberal».

Rendimento da pesca na nossa costa

É o seguinte desde fevereiro até maio ultimo: companha da Boa Esperança 7289950; S. José 6207780; Senhora do Socorro 8415550; S. Pedro 507820; do Nascimento 548540.

A pesca nos ultimos dias tem animado um a desalentada classe piscatoria.

Extravio

Por um lamentavel descuido desencaminhou-se uma interessantissima historia, que nos enviou um nosso presado assignante, que pede sigillo para o seu nome.

Foi pena e d'isso pedimos perdão áquelle nosso estimado correspondente, declarando-nos sempre ao seu dispor, esperançados em que para a outra vez sejamos mais felizes. Desculpe, sim?

Coisas involuntarias...

Roubo

Ou furto, commetteram-no os larprios na igreja de Esmoriz, donde levaram dinheiro e objectos computados em 200000. O caso deu-se de domingo para segunda-feira da semana passada.

AGUILHADAS

Um conto...

Outro dia o Braz Tizana adoeceu gravemente. Maria Cachucha que é esposa modesta e extrema em dedicação, chamou logo um Esculapio. Este chegou junto do enfermo, mirou-o com atenção, mandou-o deitar a lingua fóra (os srs. intendem), tomou-lhe o pulso, auscultou, examinou. Por fim abanou a cabeça, torceu o nariz, e declarou precisar de se consultar com outros collegas, para alijar responsabilidades. Receava não ter conhecido bem a doença.

Maria Cachucha comeu logo açodada a mandar chamar os tres medicos que ainda havia na terra.

Constituiu-se a junta, fez-se novo exame ao doente e numa sala proxima não foi possível chegarem os quatro a accordo sobre a diagnose. Os symptomas revelavam para uns uma coisa, para outros outra. No que todos convinham era em que se o doente assim continuasse por algum tempo mais ou menos espaçado, a morte seria inevitavel. Terivel prognostico! Estava a medicina em apuros. E como responsabilidades ninguém as quer, resolveram os quatro convidar Maria Cachucha a chamar a parentella, a ver o que diria sobre o caso. Era bom emfim que ouvisse as quatro opiniões e decidisse em ultima instancia.

Maria Cachucha estarreceu. Bem sabia ella que na familia nem sequer tinha um barbeiro sangrador.

Mas, srs., aventurou timida e afflicta, querem que vá chamar mais medicos? Não olhem a despesa. Fique bom meu marido, é o que eu quero.

—Não! responderam seccamente. —Mas sempre saberiam mais que os meus parentes, que nada intendem de doenças.

—Embora! O que não pode haver é opinião diferente das nossas. Que os seus parentes venham e se decidam por uma d'ellas! Se quizer, faça o que lhe dizemos, senão vamos-nos embora, e culpamol-a desde já na morte de seu marido!

Estarrecida por estas palavras lá foi a mulher do pobre Braz Tizana chamar quem embora com competência legal, perdão, *consanguinea*, nenhuma outra possuía para resolver assumpto de tanta monta, caso de tão grande responsabilidade!

—Não acham tudo isto extraordinario? Pois é verdade.

E' preciso que **Misericordia** toda a população d'Ovar se interesse vivamente creação da Misericordia. E' preciso que a commissão respectiva interesse nisto toda a população d'Ovar. E' preciso que neste negocio seja posta de lado toda a ideia de partido, toda a opinião pessoal, toda a paixão politica e que assim se aproveitem todos os elementos que podem actuar em bem da benefica instituição.

E' preciso que se escutem todas as opiniões, se pesem bem, se estudem desapassionadamente e se proceda em conformidade com a melhor, embora apresentada pelo mais humilde.

Haja em tudo a mais sincera vontade de acertar.

A emboscada, a paixão pela opinião propria, o desleixo ou proposito deliberado de não congregarem tudo e todos sem excepção a favor do santo instituto, é que devem acabar, se já por ahí se esboçam.

Do contrario só mal e muito mal poderá resultar-lhe.

E a proposito: protestamos aqui com serena indignação, contra a intenção que nos assacam, de pretendemos prejudicar a Misericordia com as *nossas criticas*.

A nossa aspiração é que ella não fique apenas... num livro de actas. Desejamos vel-a ali fundada, mas nas melhores condições possíveis.

O que aqui temos dito prova-o exuberantemente. Só o não vê quem não quer ou não entende.

Tem sido essa, e será, a nossa aspiração, embora algum tenha notado que para comnosco não tem havido consideração nenhuma.

Ainda ha dias foi fornecido a to-

dos os nossos collegas locais pela commissão executiva um *convite* que não enviou, por *grata excepção*, ao «Regenerador-Liberal», caso que já tem os seus precedentes. Não é unico.

Mas nós não para aqui estamos objecto de honras ou considerações. Não estamos aqui como adoradores ridiculos da propria vaidade.

A nossa maior honra é fazer bem á terra que nos foi berço. Só rendemos culto ao bem, á verdade e á justiça, sendo no entanto da maxima indulgencia para com quem nos offende.

O resto nada vale. E por isso, apesar de tudo, lutamos pela Misericordia, desejamos vel-a fundada nas melhores condições possíveis e protestamos com energia contra todas as afirmações em contrario.

O governo

Podem ter a certeza todos os sinceros portugueses, todos os nossos concidadãos amigos leaes do seu paiz, de que o Governo que está no poder merece muito da nossa confiança e de que fará algum bem á nação, se o não obrigarem a arripiar carreira. Querem disto a prova inilludivel? Vejam a guerra que lhe movem os dissidentes, os republicanos e os teixeristas. E' uma guerra sem treguas nem quartel. Todas as armas lhes servem, ainda as que menos o podem ferir.

Formam os tres bandos um esquadrão cerrado numa montaria formidavel, gritando: abaixo o governo! Logo o governo é bom.

E é logica a conclusão, porque essa gente, na sua generalidade cumplice dos mais nefandos crimes, só tem levantado e sustentado campanhas injustas e antipatrioticas.

Tomem conta os nossos leitores, que esta é que é a verdade.

PILATOS & C.^a

Ovar na Universidade desde 1800

(CONTINUAÇÃO)

1883-84

Direito, 1.^o anno: **Augusto Barbosa de Quadros**, filho de Francisco Barbosa de Quadros. Concluiu em 1887-88.

Francisco Ferreira Araujo, filho de José Ferreira d'Araujo. Formou-se em 1888-89.

Joaquim Soares Pinto, filho de Antonio Soares Pinto. Concluiu no mesmo anno de 89.

Mathematica, 1.^o anno: **Hugo de Noronha**, filho de Tito Augusto Duarte de Noronha. Não frequentou mais anno nenhum.

(Continúa)

Fallecimento

Sepultou-se no sabbado, no cemiterio d'esta villa, a sr.^a Rosa d'Oliveira, irmã e tia dos nossos amigos srs. João d'Oliveira Gabão e Carlos d'Oliveira Campos. Pezames.

Enlace

Realizou-se no ultimo domingo na igreja matriz o enlace matrimonial do sr. Antonio Marques Branco com a menina Maria d'Oliveira, primeira afilhada do sr. Padre José Maria Maia de Rezende e filha do sr. José Rodrigues da Silva, do Salgueiral de Cima. Foram testemunhas os srs. Domingos Rodrigues da Silva e Antonio Marques Branco, cunhado e tio do noivo.

O casal logo apoz a cerimonia dirigiu-se ao Porto, onde lhe começou a sorrir a sua lua de mel.

Desejamos-lhe todas as prosperidades.

DE CAVACO

—Então como te vae? Estás melhor da *grippe*?

—Estava melhor, estava. Mas agora ando na mesma.

—Estás magro, macilento, olhos encovados...

—Postura medonha e má!

—Estás a caoar com a tropa?

Pois olha que não andas bem encarado. Qualquer cousa de normal te passou por cima do eterno riso que te pulava nos labios!

—Tens alguma razão, homem.

—Então, que te aconteceu?

—Dormi mal esta noite, sempre a scismar, sempre a pensar, sempre a matutar...

—Que diabo! Mas então o que te apprehende tanto? A queda do governo? A ascensão do Teixeira, a derrota d'este? Dize lá, homem, o que te preoccupa assim?

—E' cousa mais d'ao pé da porta?... —E' doença do teu visinho Tobias, a morte do teu amigo Felisberto da Costa?

—Sim. Alguma cousa de morte e bastantes symptomas de doença...

—Explica-te, alma de Deus!

—Na vespera de Santo Antonio, entendes? na vespera de Santo Antonio tambem lá fui e fiquei quasi desilludido! Aquillo foi o diabo, não foi sessão.

—Explica-te por uma vez e não estas para ahí com cartas encoiradas, a metter os pés pelas mãos. Que demonio de sessão foi essa?

—A reunião da *Misericordia*!

—Reunião da *Misericordia*, na vespera de Santo Antonio, essa é boa!

—Pois é verdade.

—Mas eu sou irmão e não fui convidado! Como diabo arranjam elles isso?

—Parece impossivel! Então tu não lêste o jornal? Lá vinha um convite, muito clarinho a convidar os irmãos para a reunião magna.

—Pois, olha, não vi nada.

—Devo ter o jornal aqui. Lê se queres. Veio isso na *Patria* e me parece que em outros tambem.

—No *Regenerador Liberal* nada veio. Salvo se me passou despercebido.

—Não passou, não. Effectivamente o *Regenerador* não publica nada sobre a *Misericordia*!

—Mas faz mal. Isso não pode ser.

—E' que a *Commissão* não quer notificar-lhe cousa alguma.

—Tambem não faz bem. Demais o *Regenerador* é hoje rasoavelmente lido e todos os assignantes gostariam de andar informados sobre a marcha dos negocios que se prendem com a *Misericordia*. Eu, por exemplo, sou irmão e estou a *par de pvoas* agora sobre a reunião magna da *irmandade*.

—Aqui tens o *convite*. Lê.

—Mostra lá isso. Falla-se aqui em conformidade com o artigo 19.^o, e em condições do artigo 18.^o etc. etc.

—Então em que diabo querias tu que se fallsse?

—Mas eu não tenho nenhuns *estatutos* ainda, apesar de ser *irmão*! Então como diabo os *irmãos* comprehendem uma cousa de que não teem conhecimento algum?

—Pois olha, já foram approvados e publicados!

—E quanto custa o folheto? Vou-o comprar já se, como *irmão*, não tiver direito a elle.

—Ainda não saiu em livro, creatural!

—Máu! Então como é que nós os *irmãos* podemos conhecer a *letra da lei*?

—Como é que hão de conhecer a letra dos *estatutos* os *irmãos*! Homem de Deus, ás vezes fazes-te candidato que nem uma pomba. Pois não sabes que os *Estatutos* já foram publicados no jornal republicano, a *Patria* d'Ovar?

—Olha que não sabia!

—Pois fica-o sabendo agóra.

—Sim! a *Patria* é então o *Boletim official* da *Misericordia*?

—Está claro.

—Bem! Está corrida esta lebre, vamos agóra á questão da tua doença, da tua melancholia e tristezas amargas.

—Ando encommodado, arreliado mesmo, com o desfecho da *Misericordia*.

—Conta lá isso, homem.

—Foi uma comedia continua a sessão do dia 12, com intermitencias tragicas.

—Foi assim uma especie de tragico-comedia ao natural, não é isso?

—Isso mesmo. Uns queriam a *Misericordia* n'um lado, outros desejavam-n'a noutro lado. Uns pediam-na em Guilhovae, outros queriam-na em Cimo de Villa, alguns queriam-na em frente do Calvario outros em frente da Cadeia nova...

—Uma comedia, uma verdadeira comedia. Mas o que tinham os *irmãos* com isso se os *irmãos* tinham escolhido os medicos para resolver essa questão?

—A interferencia dos *irmãos* de nada mais servia que para desempatar.

—Nesse caso...

—Mas no fim de contas o pômo da discordia que trouxe a desintelligencia para o seio da *Commissão*, veio cair na turba-multa dos *irmãos* e transtornou tudo.

—Não comprehendo! Houve chapellada?

—Não foi propriamente chapellada, foi a resurreição de partidos.

—De *cachingós* e *limonadas*?

—Não, homem. Dos dois grupos distinctos que formavam a *Commissão*, um queriam a *Misericordia* nas *Lavoiaras*, outros em S. João.

—Mas que tinham com isso os *irmãos*?

—Dividiram-se tambem em dois grupos.

—Era uma especie de *claque* anticipadamente preparada, não é isso?

—Exactamente.

—E depois o resto?

—O resto... questões de terrenos dados, dinheiro a render, desinteresses d'uns, foretice d'outros, tudo ali explanado, tudo adjectivado... Um encanto! um encanto!

—E os *irmãos*?

—Os *irmãos*! Acabaram os *irmãos* e ficaram duas *irmandades*, com os *dissidentes* respectivos.

—Que historia de *dissidencia* é essa?

—Os que não deitaram nem por um nem por outro partido.

—Muito me contas. Adeus.

—Deus me livre que te tivesse contado metade do que lá se passou!

—Pelo quê?

—Ficavas cheio de *Misericordia* até ao fim da tua vida.

—Nesse caso, adeus, até á semana.

—Adeus, adeus!

ECHOS DO TRIBUNAL

Pelo juizo de direito d'Ovar é citado João Pereira Rebello da Silva, solteiro, maior, auzente em Manaus, para assistir em inventario por obito de Manoel Rebello, que morou na rua do Bajunco d'esta villa.

—São egualmente citados para o inventario orphanologico por obito de seu pae e sogro, Manoel Gonçalves, tanoeiro, de Mattozinhos de Esmoriz, os interessados José Gonçalves e mulher, ausentes no Brazil.

—No dia 26 do corrente vão ser arrematados no tribunal desta comarca, no inventario orphanologico por obito de José Rodrigues da Graça, viuvo, lavrador de Guilhovae, em que é cabeça de casal Manoel Rodrigues da Graça, do mesmo lugar, os seguintes bens: uma terra lavradia, a «Castanheira», sita em Guilhovae, onerada com fóro e laudemio, que lhe serão abatidos, no valor de 600000; uma morada de casa e quintal com encargo da natureza antecedente, que tambem será abatido, avaliada em 450000. Tambem está situada em Guilhovae.

Santa Catharina

Fallava-se ha pouco em que se realisaria em junho a festa de Santa Catharina na sua capellinha, agora profunda e elegantemente reformada, da Ribeira. Parece, porem, que por não poder a commissão por falta d'uma musica dar-lhe o esplendor que desejava, tudo se transtornou.

Pois é pena que não façam este anno a festa, tendo a capella tão bem reparada.

Lendas & Superstições VAREIRAS

O Ronca da Moita

I

Teve a sua voga e toda a gente a contava com um certo temor religioso. Na lareira, sobre tudo nas longas noites de inverno a lenda do *ronca da Moita* tomava parte notavel do serão e punha na alma crente das creanças e dos simples não sei que vibrações de terror que lhes alvorocavam o somno e abriam os olhos num sereno espanto, como se, vindo para dentro numa profunda concentração de espirito, contemplassem extranhas visões d'almas penadas.

A Moita é um quasi pantano d'alguns milhares de geiras, onde o junco e o canniço sedesenvolvem admiravelmente até tomar altura de um, dois e mais metros.

Situada a bôa distancia do povoado, para além d'uns pinhaes, no vertice do angulo formado pela junção das rias d'Ovar e Puxadouro, é logar tão solitario que mesmo a altas horas do dia o homem se sente ali num quasi abandono e esmagamento de deserto.

O silencio é profundo, quando muito, quebrado pela voz distante, quasi perdida d'um ou outro homem, d'algum barqueiro, dos que quotidianamente moirejam na faina do molisso, da pesca ou da recovagem fluvial, e que ainda mais faz realçar a espessa solidão que o cerca. Isto ainda hoje em que esse logar é diariamente frequentado.

Mas noutros tempos, nesses tempos distantes em que por ahí se ouvia o *ronca*, e não havia a ponte que ha talvez 40 annos lhe dá facil acceso, os donos eram em menor numero, a propriedade estava muitissimo menos retalhada e dividida. A Moita, circundada de esteiros, era de meia duzia de abastados proprietarios, que lá iam ou mandavam só pelas quatro festas do anno. Um unico homem estava incumbido de ir lá: era o guarda, e esse poucas vezes na semana se condemnava ao degredo d'aquelle solitario marnel.

Ora ali é que se localisava a lenda do *ronca*. Muita vez contava-se que era mesmo ao lusco-fusco, ás trindadinhas, que elle expedia lamentosos roncoss. E então, com um interesse cheio de admiração, inquirem-se quem tinha sido o heroe que a essa hora por lá andava e que o ouvira sem morrer de pavôr!...

O *ronca da Moita!*

Só estas quatro palavras faziam depois pôr os cabellos em pé ás innocentes creanças e aos simples.

Mas em que consistia essa lenda?

Numa coisa simples e pavorosa: em certas horas do dia e da noite ouviam-se uns berros, como mugidos, tristes e lamentosos, tão fortes que faziam tremer o solo e tão insolitos que punham vibrações na espinha de quem os ouvia.

Por mais que se procurasse nunca ninguém soube a sua origem.

Elles reventavam, como rugidos subterraneos do meio dos canniços, da espessura do junco, onde nunca foi visto ninguém, nem ave, nem animal que tal produzisse.

Então o lavrador bom e supersticioso dizia ao ouvil-os:

—E' alma penada que por ahí anda, por ter mudado marco nestes sitios e havido por meios illicitos o alheio.

Descobria-se e resava, não tanto, de certo, para alivio do *ronca*, como para se animar naquelle despojado, para, ao seu espirito varado de terror dar alento que é effeito seguro da oração, quando mais d'elle carecemos.

A creença mais geral era esta. Julgava-se que o *ronca* era a alma de quem em vida ali tinha offendido gravemente a justiça, apossando-se do alheio. E os mais versados no conhecimento da personalidade de certos grandes proprietarios já fallecidos, chegavam a papejar, que era a alma d'este ou d'aquelle.

Deus lhes perdêsse, que o não faziam por mal, mas por convictos e para dar aos filhos a salutar lição de que é preciso professar invencivel horror ao alheio.

—Porque quem as faz e não paga já neste, paga-as depois no outro mundo.

Verdade profunda que J. J. Rousseau se não dignaria de subscriver.

Não é, porém, esta a unica verção...

Outra de equal inverosimilhança corre. E diz que o ronca da Moita era uma... ave, que daza aberta media algumas varas e cuja corpulencia se aproximava da d'um bezerro!

Tinha uma cabeça exquisita e o bico enorme largo e chato.

Exilára-se o aveçõ, arribado aqui, de paiz desconhecido e por aqui permanecera, espalhando com seus roncos um terror supersticioso. Por ali andou uns annos sem ser descoberto, até que um dia o lobrigaram, dando o primeiro que o viu terra para feijões, pois julgara ver o diabo numa das suas multiplas metamorphoses.

O caso correu entre o povo, e alguns individuos armados até aos dentes determinaram de ir resolutos ao encontro da... abantesma.

Ella lá andava nas proximidades do sitio onde fôra descoberta. Não se afastára muito por lhe ser difficil erguer vò, e ter ali bom pastio.

Investem com ella como uns Hercules; o animal, vendo-se perseguido, estende e agita os largos pannos de suas azas, solta dois roncos pavorosos e num esforço titanico consegue rastejar, depois erguer-se do solo, librar-se nos aras num vò e num vò vertiginoso perder-se no espaço para nunca mais ser visto.

D'então para cá nunca mais se ouviu o ronca da Moita.

Até aqui a tradiçãõ.

Agora é de justiça dizer-se que ha muito se não ouve, effectivamente, o ronca.

Principalmente depois que, devido á audacia d'alguns lavradores de espirito varrido de... teias d'aranha e capacitados de que a Moita podia converter-se numa nuina de leite, os berros do ronca se poderam confundir com o mugido das vaccas taurinas.

BOLETIM ELEGANTE

Retirou no domingo para o Brazil o nosso presado amigo sr. José Raphael. Boa viagem.

—Foi para o Porto onde fixou residencia o nosso estimado conterraneo, sr. José Pacheco Polonia Junior. Acompanharão-n'o sua esposa e filhinha.

—Passam encommodadas de saude as sr.ª D. Maria Ferraz de Liz e D. Irene Ferraz Cunha. Rápidas melhoras, é quanto lhes desejamos.

—Cumprimentamos nesta villa na ultima segunda-feira o sr. Padre Luiz Pereira da Silva, cura de Esmoriz.

—No dia 6 do corrente passou o seu anniversario natalicio a menina Rosa de Pinho, sobrinha do nosso amigo sr. José Antonio Soares Valente.

FOLHETIM JULIO DINIZ

AS PUPILLAS SENHOR REITOR

Chronica d'aldeia

E, com este monologo e as mais fagueiras disposições de animo, chegou José das Dornas a casa, e jantou com appetite. A mesa lançava, ás furtadelas, maliciosos olhares para o filho mais novo, o qual, sentindo-se sob imminente pronuncia, não levantava os seus. O pae a custo podia sustener oriso, ao observá-o.

E ainda bem não tinha decorrido uma semana, depois do que referencia, já o pequeno Daniel era transportado para o Porto na melhor

—Chegou ha dias do Pará o sr. Luiz Dias de Rezende.

—Fez annos no dia 13 o sr. José Antonio Alves Ferreira, acreditado negociante d'esta villa.

—No dia 15 o sr. Dr. João d'Oliveira Baptista.

—Vindes do Pará estão nesta villa os sr. José de Souza Villa e Manuel Pereira da Cunha e Costa.

CONTOS DA SEMANA

Historia d'um conto

(Continuação)

Vejamos agora o sr. João Botija, que chega a casa suando como um boi, e põe-se a tocar trombeta ao ouvido de sua mulher. Porém como havia de resuscitar, se estava mais morta que minha avó!

—Bruto, rebruto que eu sou! — exclamava João Botija, esmurran-do-se, — tudo isto me succede por tolo, retolo; mas d'esta feita esse patife ladravaz não me ha de escapar.

E arrancando mãos cheias de cabello que parecia lâ de carneiro, pega n'um sacco, monta a cavallo, corre a galope ao telheiro do compadre, e chega na occasião em que este ceava com a mulher.

—Já cahiste, grande patife! — exclama deitando-lhe a mão ao gasete; e enfia-o dentro do sacco, sem estar com meias medidas: atravessa-o logo no cavallo, e a toda a brida toma o caminho da serra com tenção de o despenhar n'uma quebrada. Quando lá chegou (vá ouvindo, menino) já vinha cahindo a noite, e o João Botija poisou o sacco na borda do despenhadeiro em quanto ia dar uma ração ao cavallo, e beber meio quartilho n'uma tasca que, por detraz d'uma cortina de oliveiras, assomava no alto d'um cabeço. Mal Joánico presentiu pelas pisadas que já seu compadre se tinha afastado, começa a gritar:

—Apre, com seiscentos! é forte birra! Já disse que não caso com a filha do rei, e não caso!

E a pouco trecho accrescentava: — Disse que não caso com a filha do rei, e ainda que se empenhem frades descalços, não caso com ella!

E não sahia d'esta cantiga ber-rando a bom berrar.

Vae senão quando, um pastor que por alli perto guardava cabras, ouviu as vozes de Joánico, e pensando que aquillo fosse uma tyrannia, ajudou-o a sahir do sacco.

—O que foi que lhe aconteceu, homem?

—Ora que me havia de acontecer, senhor?... aqui me levam n'este sacco para me casarem com a filha do rei, e eu digo que não dou o sim ainda que me queimem.

—Diz você que quem fôr n'esse sacco casa com a filha do rei?

—E que é por força! Póde crêr.

—De modo que, se eu fôr ahi dentro, casarei com ella?

—Pois não lhe disse já que sim?...

—Companheiro da minha alma,

egua da casa, em conformidade com o plano traçado pelo reitor.

O rapaz chorou muito ao partir. O pae sensibilizou-se, mas foi dominando a sua commoção conforme pôde.

Daniel entrou na cidade invicta com poucas disposições de se lhe affeição. Matavam-o saudades da terra, da familia, e mais que todas as da sua pequena Guida, de quem nem ao menos lhe tinha sido possível despedir-se, pois nem para isso lhe haviam dado ensejo.

Desde a tarde em que fôra surpreendido pelo reitor no innocente colloquio, que tanto scandalizou o bom do parochio, nunca mais a tornára a ver, nem d'ella ouvira fallar. Sómente, ao despedir-se do seu mestre, este lhe disse, afagando-o nas faces, e sorrindo affavelmente: —«Vae, que eu continuarei com a lição da tua discipula.» — Daniel não pôde responder e partiu. Mas, ao ver sumirem-se atraz de si as copas das arvores, a cuja sombra o esperava talvez Margarida, borbulhavam-lhe as lagrimas dos olhos. Pobre creança!

exclamou o pastor tirando o surrão e o cajado; — fique com as minhas cabras, que eu irei em seu logar casar com a filha do rei.

— Immediatamente, — replicou Joánico.

Mette-se o pastor dentro do sacco, e deita a correr com as cabras, ao tempo que João Botija voltava da bodega. Este, que vinha entre as dez e as onze, pega do sacco em que o pastor sonhava já com corôas e palacios, e — cataplum! — despe-nha-o por alli abaixo, gritando: — Toma! e volta por outra, grandissimo velhaco!

João Botija ficou a vêr como o corpo do que elle julgava seu compadre, ia deixando por entre os penedos, aqui um braço, alli uma perna, e mais além a cabeça; e sem dizer sequer — Deus te perdoe! — porque tinha mau sangue, tomou o caminho do povo.

Já vinha cahindo a noite, e João Botija tiritava mais de medo que de frio, porque sentia lá dentro um roedeiro, que era a sua propria consciencia, que lhe dizia:

— Assassino! para que servem o juiz e o escrivão, senão para fazerem justiça?... Assassino! assassino!... — E lá do fundo do precipicio parecia que o ecco tambem repetia: Assassino! assassino!...

Arripiaram-se os cabellos a João Botija, e disparou a espingarda, como se as balas fizessem calar aquella voz. Com mais medo que vergonha, ia o pobre homem caminhando por entre moitas e brenhas, quando, ao voltar d'um atalho, esbarrou de cara com seu compadre Joánico, que levava o surrão ao hombro e as cabras adiante.

— Jesus Christo! — exclamou o sr. João Botija, fazendo o signal da cruz, como se lhe apparecesse uma alma do outro mundo.

Mas Joánico tirou-lhe o susto do corpo, dizendo:

— Que tal lhe parece a viagem, compadre?... Se em logar de me atirar pela esquerda, me atira pela direita, em vez de cabras trazia ovelhas.

— Que me conta?

— O que você ouve: agora mesmo vou para o povo com as minhas cabrinhas, e teremos queijos frescos e requeijões, que faremos a minha Catharina e eu.

— Quer fazer-me um favor, compadre? — perguntou o cubicozo.

— Mande já — respondeu Joánico.

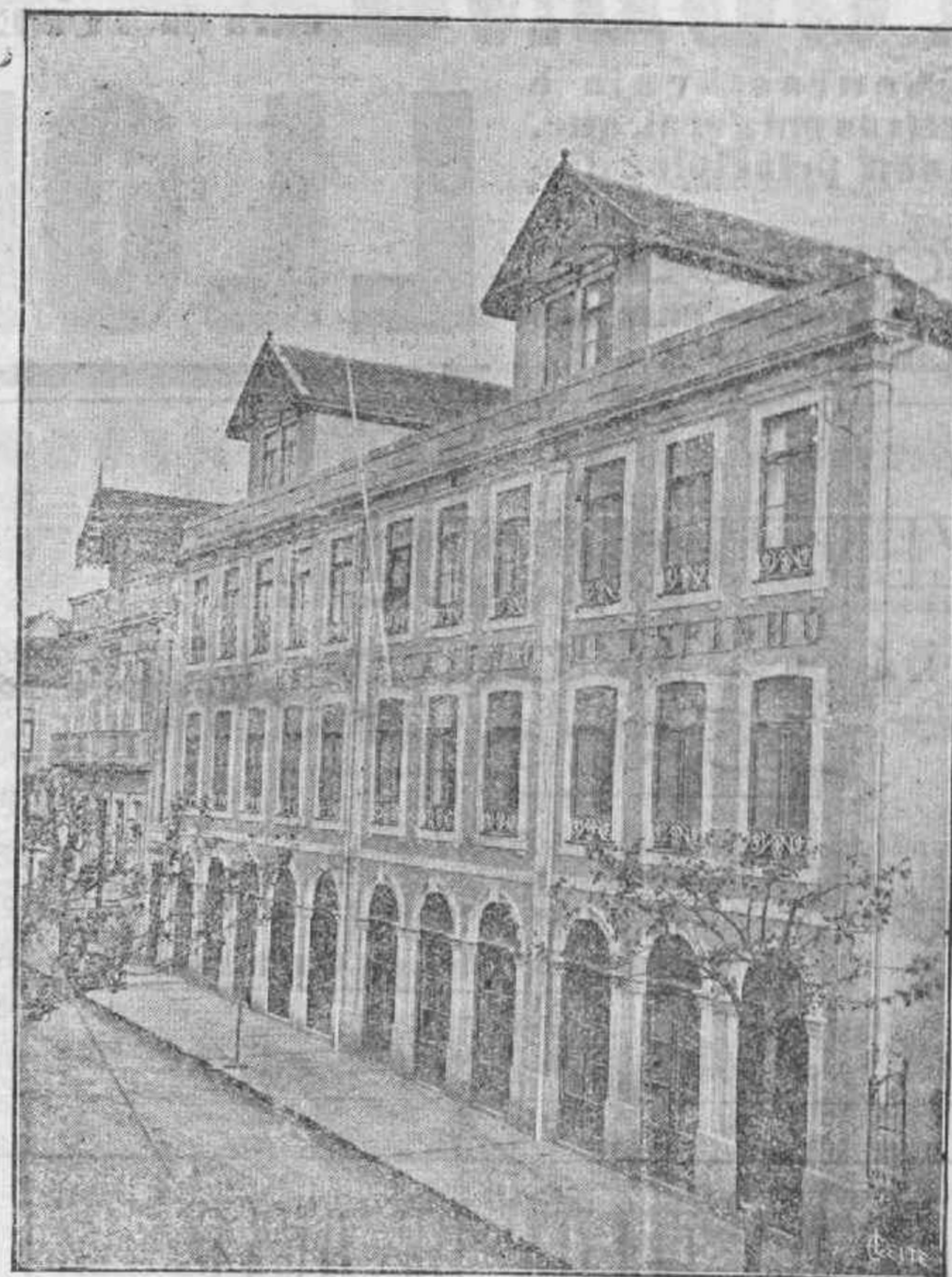
— Atire-me agora mesmo pela serra abaixo.

— Se tem muito empenho n'isso... faça-lhe a vontade.

João Botija tirou dos alforjes um sacco e mettu-se n'elle. O Joánico disse: uma, duas, trez. Deu alôr ao sacco e lançou-o costa abaixo. Ora lá vae o avarento em tombos, de penedo em penedo, até ficar em polmo, como o pastor, no fundo da barroca. Assim veio a pagar todas as suas picardias... Quanto ao tratante do Joánico, chegou montado no seu cavallo ao povoado, deitou a unha á dinheirama do João Botija, e pôz logo pés em polvorosa fugindo da justiça; porém como bens mal adquiridos a ninguém en-

E Margarida?... Essa mais pungentes sentia ainda as saudades. Sempre assim acontece. Em todas as separações, tem mais amargo quinhão de dores o que fica, do que o que vae partir. A este esperanço novos logares, novas scenas, novas pessoas; sobretudo espera-o o attractivo do desconhecido, que de antemão lhe absorve quasi todos os pensamentos. Vae experimentar outras sensações, e, á força de distrahir os sentidos, é raro que não acabe por distrahir o coração. Mas ao que fica... lá estão todos os objectos que vê a recordarem-lhe as venturas que perdeu; alli, as flores que colheram juntos, para as trocar depois; acolá, a arvore, a cuja sombra se sentaram; além, o ribeiro, que arrebato na corrente as petalas, desfolhadas um dia, do bem-me-quer fatidico, que os amantes interrogam; o tronco, onde se gravaram unidas a iniciaes de dois nomes; o canto dos passaros, que tantas vezes escutaram; o ponto da perspectiva, mais procurado pelas vistas de ambos... Oh! ha bem mais alimentos para as saudades

GRANDE HOTEL E CASINO DE ESPINHO



O unico hotel que nas pratas de Portugal tem cozinha especial para o regimen dietetico Gereziano

PARA TODAS AS INDICAÇÕES No Gerez, Hotel Ribeiro No Porto, Hotel Bragança: Entre - Paredes e Bazar do Porto, Santa Catharina, 160.

Hotel de primeira ordem Situado no melhor local Aberto desde 1 de junho TODO O CONFORTO MODERNO Correspondencia a RIBEIRO & IRMAO - Telephone, 5 Endereço telegraphico, GRANDOTEL - ESPINHO

GRANDES ARMAZENS DA ESTAMPARIA DO BOLHAO Os maiores, os mais antigos, os que iniciaram o systema de preço fixo, os que mais sortimento tem e os que mais barato vendem. Sortimento completo de todos os artigos propios para vestuario de senhora, homem e creança, uso de casa, perfumarias, brinquedos, moveis, automoveis, etc., etc. Quem visitar a cidade do Porto, não deve deixar de vêr os nossos GRANDES ARMAZENS que occupam uma área de 3.000 metros quadrados, n'um só pavimento 328, Rua de Fernandes Thomaz, 348 - Porto

riqueceram, em não sei que estrada lhe sahiram os ladrões, e o deixaram no traje com que viera ao mundo, depois de lhe darem uma tosa, de que nunca se esqueceu. Porque é tão certo como o sol que nos allumia, que a Divina Magestade vale-se dos peccados de uns para castigar os peccados de outros, deixando ao que os não paga cá, que os vá pagar lá. Assim, Joánico foi o castigo de João Botija; e os ladrões o castigo de Joánico, e a cadeia o dos ladrões, que todos lá vão dar.

assim! E depois, o que se ausenta vae esperançado n'isto mesmo, em que a affeição, que deixa, lhe será fielmente mantida até á volta; que evitarão o esquecimento das promessas feitas tantas testemanhas que as presenciaram e que, sem cessar, as recordaram; os que ficam antevêem que, longe de tudo que possa fallar-lhe d'ellas, pouco a pouco se varrerão essas promessas da memoria do ausente, e, ao dizer o adeus da despedida, um amargo presentimento lhe segreda que dizem adeus a uma illusão.

Ora é preciso saber que Margarida se sentia triste, profunda e inconsolavelmente triste, sem que lhe acudisse á idéa tudo quanto havemos dito. Porem, a nós, é-nos licito analysar aquelle tenro coração de creança, affeioada para o sentimento, e dotado de delicadissimos instintos, como o de poucos. Alma votada á melancolia e que se habituára a sentir, sem se estudar!... não ha para mim mais sympathica especie de soffredores! Os martyres que se analysam, e nos fazem reze-nha e inventario dos seus tormentos;

— E assim tambem — accrescentou a boa velha, beijando-me na testa e renovando a arnica da minha queimadura, a culpa de João Manoel castigou a de Luisinho...

Eu desatei a chorar perfectamente constricto: que por demais me provava o ardume do nariz quo certa era a profunda moralidade de D. Mariquinhas; e a irada sombra do bichano Pilton levantava n'aquelle momento ante a minha vista, mostrando-me a cauda chamuscada, como ao rei Macheth as chagas o pallido espectro de Duncan...

esses que, todos os dias, desenvolvem em estylo imaginoso a physiologia do proprio coração, indagam a theoria do padecer, que, dizem elles, os tortura, e os fazem com uma profundidade de vistas, verdadeiramente philosophica... esses martyres... para fallar verdade, não creio muito n'elles. Quem soffre devêras, tenho eu para mim, acha-se com pouca vontade de esquadri-nhar os mysterios do soffrimento e não se põe com grandes philosophias a esse respeito. Eu julgo mais natural e sincero fazer como a pequena Margarida depois da partida de Daniel: subindo todas as tardes ao outeiro silvestre, onde tantas vezes elle se viera sentar tambem, sentia cerrar-se-lhe o coração de tristeza, e... desatava a chorar. Não sei que moda anda agora de se não considerar o chôro como a mais eloquente expressão do pesar! Eu por mim, é dos signaes em que deposito mais fé.

Era bem justificada esta saudade de Margarida. A curta biographia d'ella a fará comprehender.

(Continúa.)

HISTOGENO

Unico medicamento adoptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitais da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da TUBERCULOSE, Dia-

bettes, Anemia, Neurasthenia e doencas consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem á

TUBERCULOSE
O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis.

LLOPIS

Preaver contra os productos similares que na pratica tem demonstrado se alteram, produzindo effeitos contrarios e prejudiciaes á saude.

Peça-se sempre o **Histogeno Llopis** Unico que cura Unico inalteravel

Para a cura da **DIABETES** preparamos o *histogeno anti-diabetico*, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos a tratamento do *Histogeno anti-diabetico*.

Formas do **Histogeno Llopis** **Histogeno liquido.** — **Histogeno granulado.** **Histogeno anti-diabetico.**

Preço do **Histogeno Llopis** **FRASCO GRANDE, 1\$100 reis.** — **FRASCO PEQUENO, offerta GRATIS** aos pobres do Dispensario anti-tuberculoso, Santa Casa da Misericordia e Hospital do Rego.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representantes geraes em Portugal: em Lisboa, C. Mahony & Amaral, Lmitada, rua d'El-Rei, 73-2.º—No Porto: Antonio Cerqueira da Motta & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, 115.

ARMAZENS da CAPELLA

A primeira casa das Carmelitas n.º 70
PORTO

Grande sortimento de casimiras para fatos, Tecidos de lã algodão, linho e seda para vestidos, tapetes, malhas, confecções para senhoras, modas, pannos crus, morins etc., etc.

Vendas a preços baratísimos

FABRICA DE TELHA DE OVAR

Os preços da telha d'esta fabrica, actualmente, tanto na fabrica como no caes da Ribeira, ou em wagon na estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.ª, 21\$000; 2.ª, 16\$000; 3.ª, 13\$500 REIS

Isto sem desconto algum

FABRICA: **LARGO do MARTYR**

A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor

Proprietarios: **PEIXOTO, RIBEIRO & C.ª**

ESPINGARDAS DE CAÇA E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, formando-os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os sistemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a CASA LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possível encontrar uma unica espingarda igual ás que esta casa vende.

Chegou tambem o sortimento de cartuchos de caça e para tiro aos pombos. Accessorios de caça e pesca

Prana «Sparklets»
Vibrador «Varno»
Sorveteiras, etc., etc.

CASA LINO
40, Praça de D. Pedro, 41
PORTO

PAPEIS PARA FORRAR CASAS

Das principaes fabricas estrangeiras acaba de receber um variado e importante sortido o deposito da Fabrica de

Antonio Cardoso da Rocha

178, R. de Santo Antonio. 180-PORTO

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc., etc.

AZULEJOS

FABRICA DE LOUÇA DAS DEVEZAS

DE José ereira Valente, Filhos

RUA D. LEONOR, 114 A 184

Villa Nova de Gaya — Devezas

Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra. Artigos de saneamento e decorativo. Fabrico especial em azulejo fino a rivalisar com o melhor estrangeiro.

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo lugar. Cuidado, pois.

Preços os mais convidativos

Endereço telegraphico: AZULEJOS — Telephone, 279

Estabelecimento de Merceria e Deposito de Garrafas

DE MARQUES & ARAUJO LIMITADA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua de S. João, 44 e 45 — Porto

Telephone, 616

Uma visita á **PHOTOGRAPHIA CARVALHO** R. do Passeio Alegre, 27 e 29 **ESPINHO**
TODOS os trabalhos photographicos. Retratos em porcelana. Retratos coloridos a oleo, aguarella e pastel. Retratos em esmalte, semi-esmalte e marfim. Miniaturas a oleo para medallhas, o que ha de mais moderno e artistico. Effeitos de luz, novidade, etc., etc. Officina de mechanica, de cartongem e photographia moderna. Ampliações e reproduções de qual-quer retrato. Transformação de vestidos e penteados
Preços sem competencia

Vidraria S. Bento

DE Manoel Alves Barbosa
Praça Almeida Garrett, 20
PORTO

Especialidade em crystaes, vidrarias diferentes, porcelanas, candieiros, louças estrangeiras e nacionaes e uma infinidade d'artigos pertencentes a este ramo.

AGUA DO BARREIRO

Cura radicalmente a ANEMIA, CHLOROSE, as DOENÇAS do ESTOMAGO e MENSTRUAÇÕES DIFFICEIS

Deposito em Ovar: Viuva de Silva Cerveira.

MOREIRA, GUIMARÃES & C.ª

37, Praça de Carlos Alberto, 38-A — Porto
Exposição de todas as novidades recebidas directamente de Paris, Londres, Berlim e Vienna

Especialidade em tecidos para campo e praia
ATELIER DE MODISTA
Enviem-se amostras na volta do correio

POSFODOLICINA De Lemos & Filhos

Maravilhoso medicamento para a cura das escrophulas, rachitismo, anemia, neurasthenia, etc. Ensaiado com grande exito em quasi todos os hospitaes do paiz, recommendado por centenas e attestados medicos de professores, especialistas, etc. Pelo aspecto, pelodsabor, e pelos magnificos resultados que produz, é superior ao oleo de fi gado de bacalhau, e seus derivados.

Milhares de curas. Especifico para as creanças fracas
DEPOSITOS GERAES
Porto — Pharmacia Lemos & Filhos. Praça de Carlos Alberto, 31.
Lisboa — Drogaria Pimentel & Quintans, Rua da Prata, 194
A' venda em todas as pharmacias e drogarias do reino
Preço conforme a quantidade

José Bernardo Carlos das Neves

224, Rua das Flores, 226 (Esquina do Souto) - PORTO
(CASA FUNDADA EM 1776)

Especialidade em CHA' e CAFE' de todas as qualidades e todos os preços. ASSUCAR de todas as qualidades, CHOCOLATE nacional e estrangeiro.

KROQUETTES de chocolate em caixinhas de phantasia. MASSAS alimenticias. CONSERVAS e muitos outros generos e artigos por preços rasoaveis.

CAFE' de FAMILIA especialidade d'esta casa 500 rs. o kilo

IMPORTAÇÃO DIRECTA
PUREZA das QUALIDADES

TYPOGRAPHIA

JOSÉ F. DA FONSECA & FILHO
72-Rua da Picaria, 74-PORTO

N'esta typographia, que acaba d'obter um consideravel melhoramento no seu machinismo e uma grande quantidade de phantasias, executam-se com esmero todos os trabalhos typographicos.

Preços modicos e brevidade nos trabalhos.
Especialidade em bilhetes de visita e em trabalhos de phantasia

ALBERTO MILHEIRO

Clirurgião dentista
Prothese e operações dentarias

PASSEIO ALEGRE, 10-1.º
(Em frente ao coreto da Graciosa)

ESPINHO

MEZDO SAGRADO CORAÇÃO
PARA USO DE QUEM TEM POUCO VAGAR
Preço — 50 reis
Vendem-se na Typographia Fonseca & Filho Rua da Picaria, 74 e nas livrarias.

FLORES

ao SS. Coração

de Jesus

Meditações para o seu mês ou qualquer tempo do anno revisitas por

M.ª Manuel Marinho

Approvado e indugienciado Preço enc. 300 reis

REGENERADOR LIBERAL OVAR

ILL.ª SNR.